

RESENHA

Uma escola criativa para o século XXI: escolas criativas e resiliência na educação

Gisélia Antunes Pereira¹

<https://orcid.org/0000-0002-4356-1268>

Thaís Rios da Rocha²

<https://orcid.org/0000-0003-3769-546X>

Cristina Costa Lobo³

<https://orcid.org/0000-0003-4459-8676>

Candido Alberto Gomes⁴

<https://orcid.org/0000-0002-3482-5372>

Resumo

Os pressupostos teórico-práticos trabalhados nesta obra conduzem-nos a transitar por novas proposições que servem de base para sentipensar o que seria(m) a(s) escola(s) do século XXI. Escolas que, no agir criativo e resiliente, estão ancoradas metodologicamente pelo paradigma ecossistêmico e pelos princípios que a circundam, como o da transdisciplinaridade, do pensamento complexo e da ecoformação. Na pluralidade das experiências abordadas, com alcance da educação infantil à pós-graduação, em entornos de ensino, de pesquisa e de gestão, inseridas em campos educativos formais e não formais, revelam-se semelhanças tanto na oposição ao paradigma positivista, quanto na busca pela construção de uma consciência que priorize a harmonização pessoal, social e planetária.

Palavras-chave: Educação, Escola Criativa, Resiliência.

¹ Professora Pedagoga do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) - Câmpus Criciúma. E-mail: giselia.antunes@ifsc.edu.br.

² Professora de Química vinculada à Universidade Aberta do Brasil (UAB) e IFSC Câmpus Criciúma. E-mail: thais.rocha@ifsc.edu.br.

³ Professora Investigadora da Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade. Membro efetivo do Conselho Científico da Ordem dos Psicólogos Portugueses. E-mail: ccostalobo@gmail.com.

⁴ Professor Catedrático e Diretor do Centro de Investigação do Instituto de Estudos Superiores de Fafe, Portugal. E-mail: candidoacg@gmail.com.

A creative school for the XXIth century: creative schools and resilience in education

Abstract

Theoretical-practical assumptions of this book lead us to move in new propositions that are the basis to think and to feel what school should be in the present century. Such schools are methodologically anchored in the ecosystemic paradigm, as well as in its principles, like transdisciplinarity, complex thinking and ecological education. The experiences focused, from early childhood education to graduate programs, integrate formal and informal education, either in teaching and research contexts, present common similarities in the opposition to the positivist paradigm and in the search of building a conscience to prioritize personal, social, and planetary harmonization.

Keywords: Education, Creative school, Resilience.

Escrita há pouco mais de uma década, a obra *Uma escola criativa para o século XXI: escolas criativas e resiliência na educação* é resultado de um esforço coletivo, envolvendo educadores e pesquisadores de diferentes países, que anseiam por uma educação potenciadora dos níveis de consciência humana face ao reconhecimento da nossa interdependência planetária.

Toda a produção está estruturada em 14 capítulos organizados em quatro partes. A partir deles é possível compreender a convergência da perspectiva pedagógica defendida e transitar pelos pressupostos da transdisciplinaridade, ecoformação e sustentabilidade. O leitor poderá optar em realizar uma leitura sequencial dos capítulos, ou de forma individualizada, uma vez que os temas abordados em cada um deles visam apresentar o referencial de apoio a fim de complementar as ideias que tratam dos princípios para a resiliência e o desenvolvimento de uma escola criativa, que prepare os estudantes a partir da vida e para a vida.

Em seu prefácio, o autor começa a dar pistas dos eixos teóricos basilares da obra, o que incita o desejo de continuar sua leitura. Além disso, menciona que os currículos instrutivos devem dar lugar para o desenvolvimento de ações educativas que levem em consideração a tecnologia e os valores humanos, com base nos princípios de uma educação criativa e ecoformadora, centrando olhares para a sociedade e suas relações com o contexto sociocultural e ambiental.

Apresentada a obra pelos próprios coordenadores Saturnino de la Torre e Marlene Zwierewicz, a seção revela-se de suma importância pois ajuda a historicizar os primeiros passos que levaram à parceria na idealização dos Projetos Criativos Ecoformadores. Fato associado também à criação da Rede Internacional de Escolas Criativas - RIEC que tem como sua missão vincular pesquisadores e educadores que desenvolvem suas práticas guiadas por estes mesmos pressupostos.

Na parte I, “Um novo olhar sobre a educação”, são apresentados os princípios considerados pelos autores como fundamentais para o desenvolvimento de uma escola para o século XXI, pois partem de um olhar sistêmico, transdisciplinar e ecoformador para o fortalecimento da resiliência a partir de uma proposta centrada nos valores humanos. Logo no primeiro capítulo dessa primeira parte, Saturnino de la Torre trata a respeito do “Sentipensar” o futuro, fazendo-nos refletir, por meio de uma história de um xeque árabe e sua caravana de camelos, a respeito das diferentes formas de ver a realidade a partir das desconstruções dos padrões socioculturais. Nesse mesmo sentido, traz à tona o exercício de imaginação criativa, apresentando algumas indagações realizadas durante a escrita desta obra, referentes ao período atual, mencionando: “perguntei a um grupo de estudantes que imaginassem como seria a vida, a sociedade do conhecimento, a educação e a terra por volta do ano 2020”. De fato, ocorreram muitas mudanças ao longo desses anos, pois estamos enfrentando desafios inimagináveis, em que estudantes, professores e gestores estão sendo desafiados a partir da necessidade de um ensino remoto com o uso de tecnologias digitais de informação e comunicação.

Além desses desafios, afloraram as problemáticas atuais mostrando-nos as desigualdades sociais, mas também foram evidenciados os valores humanos, muitos deles pautados na consciência cidadã e na empatia e respeito ao próximo. Para ajudar a compreender as manifestações da sociedade atual, Torre sistematiza as eras em quatro ondas que vão da agrícola à quântica, dando-nos a ideia da raiz dos desafios que nos deparamos hoje. Salienta algumas problemáticas e inquietudes decorrentes do que algumas das eras acarretaram à educação, e que permanecem impactando até os dias atuais, como exemplo, a fragmentação dos conhecimentos, o que dificulta a visão sistêmica dos estudantes, aliada a um ensino descontextualizado. Mas, nesse mesmo capítulo, o autor indica que, “para justificar a necessidade de

mudança, nada melhor que partir da realidade e sua problemática”. Por isso, de modo a manter viva a esperança, Torre propõe uma mudança de consciência como propulsora para o processo de transformação, pautada na transdisciplinaridade, a partir de um olhar interativo e dialógico da realidade, e na ecoformação, uma maneira sintética, integradora e sustentável de entender a ação formativa.

Joan Mallart i Navarra explicita, ao longo do segundo capítulo, o papel da ecoformação na escola do século XXI, evidenciando que além de uma educação ambiental, integra o desenvolvimento econômico e o progresso social. Nesse sentido, a ecoformação pretende aproximar a escola da vida real, propiciando uma visão sistêmica e/ou transdisciplinar da realidade, por meio do uso de metodologias ativas, que permitam o estudo das problemáticas ambientais. Uma escola ecoformadora busca incorporar em suas ações os princípios educativos para o desenvolvimento de uma consciência planetária, com base na Carta da Terra e Agenda 21, assuntos pontuados em um diálogo intercultural durante a realização do Fórum Mundial do Rio de Janeiro ocorrido em 1992, tratando-se de metas e valores para o desenvolvimento sustentável. A ecoformação na escola está comprometida com uma perspectiva de educação ambiental que não só compreende a existente relação entre ecologia e economia, mas a ultrapassa quando envolve a criação de valor com ambiente físico ao mesmo tempo que interfere na transformação da personalidade dos educandos.

Ao longo do terceiro capítulo, Marlene Zwierewicz reforça que a ecoformação, além de potencializar os valores humanos, propicia o fortalecimento da resiliência no âmbito escolar. Dentre os conceitos atribuídos à resiliência, caracteriza-se pela capacidade de enfrentar as adversidades e superar os desafios. A autora instiga a pensar a resiliência enquanto campo conceitual, transcendendo a sua mera transposição da Física às Ciências Humanas, permitindo perceber que o estudo da resiliência pode ter olhar próprio quando voltada à criança ou ao adulto, sem ainda perder de vista sua dimensão individual e coletiva quando relacionada com o contexto escolar.

O leitor se deparará com algumas dimensões que auxiliam no reconhecimento do ser e estar resiliente diante de um problema. Esse processo, que passa pelo envolvimento das emoções e sua vinculação com valores humanos para o fortalecimento da resiliência, não depende exclusivamente de aspectos inatos ou de aspectos sociais mas da interação entre eles. Fato que

agrega qualidade à função da escola, enquanto instituição em condições de contribuir na geração de um clima favorável ao desenvolvimento da resiliência, tanto dos sujeitos que nela estudam como os que nela trabalham.

Ao iniciar a leitura da parte II, denominada “A escola que queremos”, Torre explora a relevância das organizações criativas, com o entendimento de que a criatividade refere-se ao potencial humano para a proposição de novas ideias na busca de uma melhora, com vistas ao bem-estar pessoal, social e planetário. O autor menciona que a criatividade de um povo depende da criatividade de seus indivíduos, sendo este princípio também aplicado para as escolas que aprendem. Além do capítulo ajudar a compreender uma das dimensões basilares de que trata o título da obra, lança o leitor a pensar que escolas criativas e escolas resilientes podem se constituir em horizontes a se alcançar. Isto porque escolas são feitas por pessoas, que juntas são capazes de afetar ao mesmo tempo em que também são afetadas.

Considerando a relevância do estímulo à criatividade nas escolas, Maria Antônia Pujol Maura socializa uma experiência quanto à implementação de um Projeto Criativo Ecoformador na Educação Infantil, voltado à criação plástica como linguagem expressiva e de comunicação. Além disso, considera que o entendimento de pequenas situações são fundamentais para desenvolver uma visão paradigmática, complexa e ecossistêmica da realidade. Nessas situações são articulados os conhecimentos e saberes para o entendimento das partes com o todo, fundamental para uma visão integral e não fragmentada.

Finalizando a segunda parte, Antonio Pantoja Vallejo em coautoria com Marlene Zwierewicz apresentam a *WebQuest* como opção metodológica para o desenvolvimento de estratégias interativas, com o apoio de Entornos Virtuais de Aprendizagem, em uma perspectiva criativa e ecoformadora. A sugestão para o uso da ferramenta como construção colaborativa do conhecimento, é acompanhada pela explicitação dos elementos necessários para a criação de uma *WebQuest*, associados aos organizadores conceituais dos Projetos Criativos Ecoformadores. Em suas considerações, reforçam que a inserção de tecnologias digitais na educação redimensionam o processo de ensino e aprendizagem, face à superação do uso quadro e giz, ainda predominante em muitos dos contextos escolares. Os autores pareciam prever a necessária aceleração na incorporação do uso “tecnologias, tecnologias de base e aplicativos”, mesmo sem relacioná-la a sua potencialização decorrente da grave pandemia que nos acometeu.

O leitor encontrará na parte III, as experiências criativas que foram compartilhadas a partir da narrativa quanto a implementação de Projetos Criativos Ecoformadores. Logo no primeiro capítulo desta seção, Torre descreve a origem e sentido do projeto Rede de Escolas Criativas, buscando explicitar os antecedentes teórico-práticos que embasaram a sua criação, retratando experiências com o Projeto Compreender e Avaliar a Criatividade, Projeto de Escolas Transdisciplinares e a Rede Ecologia de Saberes. O projeto Rede de Escolas Criativas tem por objetivo identificar, reconhecer e difundir os esforços rumo a uma educação para o século XXI, com base no desenvolvimento de uma consciência coletiva e no estímulo a competências básicas como a criatividade e inovação educativa. A aproximação entre a escola, com o saber prático, a universidade, com o saber pedagógico, e as administrações, com o saber pragmático, possibilita o desenvolvimento de ações inovadoras e criativas que visam a superação da fragmentação do conhecimento disciplinar, a partir do desenvolvimento de um currículo com base em valores, potenciais e capacidades humanas.

As escolas criativas e inovadoras estimulam uma criatividade empreendedora com vistas ao desenvolvimento pessoal e profissional de seus estudantes, que serão capazes de enfrentar as adversidades com resiliência e respeito a si e ao meio em que vivem. Além disso, respeitam o currículo com suas competências básicas, entretanto, vão além delas, estimulando uma aprendizagem autônoma, o uso de metodologias inovadoras e uma aprendizagem a partir do erro, com o reconhecimento das potencialidades de cada indivíduo. Destacamos, dentre os benefícios da Rede para os centros educativos, a possibilidade de compartilhamento de suas práticas com base nos princípios da sustentabilidade, ecologia dos saberes e integração institucional, a partir da existência de uma comunidade virtual, integrando, por exemplo, Escolas Criativas da Catalunha e da América Latina.

O Museu ao Ar Livre de Orleans, inaugurado em 1980, possibilita a promoção de Projetos Criativos Ecoformadores, como retratado pelo trabalho desenvolvido com acadêmicos de Museologia da Unibave-SC, durante a disciplina de Educação Patrimonial. O museu vivo está situado em um espaço aberto, rodeado de belezas naturais e de equipamentos construídos pelos imigrantes europeus nos séculos XVIII e XIX. Este campo ecoformativo é caracterizado pela criatividade e fluxo de energia, que possibilita interações, emoções, desejos e aspirações.

Durante a leitura percebe-se que, ao visitar os campos temáticos, é possível verificar muito mais do que a estrutura física destinada à preservação da história, pois transcende os aspectos cognitivos a partir de questões quanto à interculturalidade e o multilinguismo, com reflexões sobre as condições de vida na Europa, que decorreram na vinda dos imigrantes italianos e seus descendentes ao Brasil. Em terras inóspitas, buscaram soluções criativas para a superação das adversidades a fim de produzir os meios em busca da sobrevivência a partir dos recursos tecnológicos disponíveis na época. Os autores mencionam que, ao estabelecer este vínculo, nos conectamos com o passado, refletimos sobre o presente, com a consciência de que decisões imediatas influenciam em nosso futuro.

A experiência criativa desenvolvida na escola de educação infantil Tarsila do Amaral, localizada em São Paulo, buscou estimular a prática da cidadania consciente, a partir da proposição de atividades que envolvam a manifestação da cultura e a expressão da opinião das crianças. As ações potencializadoras da criatividade, com ênfase aos valores humanos, embasam os princípios e práticas da instituição escolar, posicionando a infância em um lugar de destaque na rotina diária.

No capítulo que encerra a terceira parte da obra, Andréa Gonçalves Praun e Dinorah Krieger Gonçalves narram como se deu o processo de elaboração, aplicação e avaliação de uma intervenção originada a partir de um estudo de doutorado. O projeto, com duração de pouco mais de um ano, realizado em uma escola da periferia de Blumenau/SC, revelou-se transformador para todas as vidas envolvidas, incluindo o próprio leitor, na medida em que se apropria das reflexões decorrentes desse estudo. Através de oficinas temáticas desenvolvidas em contraturno escolar, alunos do 5º ano do ensino fundamental que participaram do projeto, foram cativados a produzir cultura e, por consequência, se fazer mais humano, mesmo diante da realidade adversa da qual partiam. Perceber como as questões da transdisciplinaridade e da ecoformação se entrelaçam nessa vivência criativa e inclusiva, contribui para a compreensão mais ampliada do que trata cada pressuposto até aqui fundamentado.

A quarta e última parte do livro inicia com um capítulo de autoria de Torre e Zwierewicz, sendo explicitados os pressupostos teórico-metodológicos que fundamentam os Projetos Criativos Ecoformadores - PCE. Além de buscar a origem do método de projetos, formalizada por Kilpatrick em

consonância com ideais de Dewey, tem em sua transposição para a atualidade pontos de abertura e de conexão que permitem transcender o que é comum ao método, ao mesmo tempo que disserta sobre as especificidades que o torna PCE. Na forma de organizadores procedimentais, são apresentados e exemplificados os conceitos, mostrando coerência com o paradigma ecossistêmico, bem como com os pressupostos transdisciplinares e ecoformadores. A constituição sistematizada e sequenciada das dimensões técnico-científica e filosófica do PCE servirá de base às iniciativas que desejarem fundamentar a sua aplicação.

Os relatos dos dois capítulos seguintes, um de Lucelena Librelato da Silva Zomer e o outro de Miryan Cruz Debiasi, tratam de dois PCE desenvolvidos na Escola Barriga Verde de Santa Catarina. No primeiro relato detalha um projeto temático envolvendo literatura infantil e no segundo a relação homem e natureza com turmas da educação infantil e dos primeiros anos do ensino fundamental. Descrevem o processo de idealização do epítome à sua polinização, sempre em estreita relação com todos os organizadores conceituais que caracterizam um PCE.

O último capítulo, de autoria de Torre, retoma alguns pressupostos que fundamentam toda a obra, proporcionando gradativamente ao leitor uma vinculação das ações e iniciativas aos referenciais de base tais como Morin, Maturana, D'Ambrósio, Csikszentmihalyi Gutiez, Moraes e Torre. Ao longo do capítulo também foi relatada uma experiência inovadora com Projeto Criativo Ecoformador voltada ao Ensino Superior.

Ao desenvolver um projeto piloto na Universidade de Barcelona o autor, que também esteve no papel de mediador dessa vivência, mostra que foi preciso passar por momentos de desorientação e de incertezas para chegar às novas experimentações e alternativas criativas. Um projeto que demandou maior esforço e engajamento coletivo, contribuindo com uma nova visão face aos objetivos e conteúdos, linguagens, estratégias e avaliação. Em todos os capítulos envolvendo narrativas de intervenções criativas e ecoformadoras, percebe-se as vozes dos alunos, mostrando o seu protagonismo em todo o processo percorrido, fato que expressa um dos principais eixos de atenção do método.

Pela originalidade e criatividade dos projetos apresentados ao longo da obra percebe-se que, se transferidos para outros contextos educativos, dificilmente terão o mesmo êxito, fato que se deve ao vínculo que carregam

com os lugares, os tempos, os espaços e os sujeitos que significaram a sua trajetória. Mas, com os fundamentos que trazem os PCE, poderá inspirar novos (re)começos, novas rotas e novos itinerários que visem Sentipensar a educação. Em sintonia com a perspectiva de esperança de dois autores proféticos, Hessel e Morin (2011), em nossa sócio diversidade criadora, precisamos superar a hegemonia da quantidade, do cálculo, do ter, pela promoção de vasta política de qualidade de vida. Há diferença entre bem viver e bem estar: não são poucos os que vivem “bem”, com mal estar. Para a educação propõem, com Rousseau, aprender a viver, que, claro, se entrelaça à criatividade e à resiliência neste século XXI. Em um mundo de muros, cumpre reconhecer a complexidade e construir pontes. É essencial não só ensinar conhecimentos, mas o que é o conhecimento, ameaçado pelo dogmatismo, pelo erro, pela ilusão e, acrescentamos, de ideologias mortais. Assim, se ensinará um conhecimento pertinente, com sentimento, razão e ação. Neste mundo em despolitização, a empresa e o Estado empresa, dirigidos por supostos antipolíticos, se ergueram como paradigma dominante, que contagia inclusive escolas e universidades. Estas devem não só apresentar resultados mensuráveis, como também rodar engrenagens mecânicas eficientes para gerar lucros, segundo modelo do século XIX. Devem estar na última fronteira e atender às demandas dos mercados e dos supostos “clientes”. Com isso, não se aprende a conhecer, a criticar, a detectar os limites do conhecimento, nem a fazer, nem a conviver pacificamente e, muito menos, a ser.

Existem escolas com tradição inovadora e potencial criativo e o projeto pretende fazer emergir tais potenciais, nem sempre conhecidos, polinizando esse saber prático com outros centros dispostos a implicar-se em projetos pioneiros. Fato que explica, por fim, porque escolas criativas são aquelas que vão além de onde partem, que dão mais do que têm e ultrapassam o que dela se espera, que reconhece o melhor de cada um, que crescem por dentro e por fora buscando a melhora permanente.

Referências

TORRE, Saturnino de la e ZWIREWICZ, Marlene (Organizadores). *Uma escola criativa para o século XXI: escolas criativas e resiliência na educação*. Florianópolis. Insular, 2009. 208 p.

HESSEL, Stéphane; MORIN, Edgar. *Le chemin de l'espérance*. Paris: Fayard, 2011.

Recebido em: 12 ago. 2020

Aceito em: 12 set. 2020